

A HISTÓRIA DE LIS E MEL

Camilla e Rodrigo, os pais das primeiras gêmeas do DF unidas pela cabeça, abrem as portas de seu novo lar, em Ceilândia, e mostram as filhas, hoje com 6 anos, independentes e cheias de vida

Fotos: Humberto Souza/ Divulgação/Hospital da Criança



As meninas nasceram coladas pela parte frontal da cabeça e foram separadas depois de longa cirurgia no Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB), sob o comando do neurocirurgião Benício Oton de Lima



» AILIM CABRAL
» ADRIANA BERNARDES

O “silêncio mortal” que dominou dois momentos extremamente marcantes nas vidas de Camilla e Rodrigo Neves, 30 e 35 anos, respectivamente, é coisa do passado e está bem longe da atual realidade da família. Todos os momentos recentes de suas vidas são marcados por conversas animadas entre as duas filhas, muitas brincadeiras e gargalhadas contagiantes. Mesmo enquanto os pais relaxam, é possível ouvir o som das meninas ao fundo da casa, seja brincando ou conversando.

As duas garotinhas com sorrisos encantadores, vestidas com blusas e saias iguais, e tiaras combinando, mal conseguem ficar paradas enquanto os pais recebem a reportagem do **Correio**, em sua casa, em Ceilândia Sul. A mãe garante que a energia das duas não tem fim, “são ligadas no 220W 24 horas por dia (risos)” e que essa empolgação faz parte da rotina da família.

Lis e Mel Neves, 6 anos, são as famosas gêmeas siamesas que nasceram unidas pela cabeça no Distrito Federal, em 2018, e foram separadas em uma delicada e longa cirurgia no ano seguinte. A operação, comandada pelo neurocirurgião Benício Oton de Lima, no Hospital da Criança de Brasília, teve repercussão internacional. E, para contar sobre a vida da família quase seis anos depois que tudo começou, vamos voltar um pouco no tempo e lembrar a história que o **Correio** acompanha desde o início.

O primeiro baque

O primeiro “silêncio mortal” vivido pelo casal foi quando eles descobriram que o primeiro bebê seriam na verdade dois. Apesar de sonhar com a maternidade, Camilla, com 23 anos, na época, imaginava o cenário mais tradicional: iria se formar na faculdade, conseguir um bom emprego, casar e só depois engravidar.

Mas a vida tem dessas coisas e, mesmo admitindo que não foi “sem querer”, aconteceu por um descuido do casal. Camilla conta que a gravidez não foi planejada e que os dois ficaram surpresos, apesar de felizes, com o resultado positivo no teste de farmácia.

Camilla e Rodrigo estavam juntos há quatro anos e assim que ela percebeu o atraso em sua menstruação, veio a negação. “Fiquei esperando, achando que ia descer e não queria fazer o teste. Eu só tinha 23 anos e estava cursando a faculdade!”, conta, hoje rindo da situação.

Num domingo, ela se rendeu e fez um teste de farmácia, que deu positivo. No dia seguinte, um exame de sangue confirmou a gravidez e, enquanto Camilla repetia, para si mesma, “meu Deus, eu só tenho 23 anos”, a avó materna celebrava o primeiro neto.

Camilla garante que só pode ter sido Deus que a levou a fazer logo o teste. “Na quarta-feira eu tive um sangramento e se já não soubesse da gravidez, ia achar que estava menstruando e perderia minhas filhas”. O sangramento era um descolamento de placenta, que se não tivesse descoberto rapidamente, teria resultado em um aborto espontâneo da gestação que tinha cinco semanas.

Chegando ao Hospital Regional da Asa Norte (Hran), Camilla recebeu o diagnóstico e foi orientada a manter repouso e tomar uma medicação, mas a unidade não tinha nenhum aparelho de ultrassom disponível no momento para confirmar e avaliar a extensão do caso.

Uma amiga que trabalhava em um hospital particular conseguiu um encaixe e Camilla correu para ver o bebê por meio do ultrassom e ter a certeza de que tudo ficaria bem. Chegando lá,

O milagre que se RENOVAV

Minervino Júnior/CB/D.A Press



As pequenas Lis e Mel, hoje com 6 anos, fazem a festa do casal Camilla e Rodrigo: casa está sempre animada

Mais um susto

Em função do descolamento de placenta, Camilla precisava fazer um acompanhamento médico de 15 em 15 dias. No primeiro retorno, nada mudou, a médica orientou continuar os mesmos cuidados e pediu que ela voltasse na próxima quinzena.

Nessa consulta, quando estava com 10 semanas de gestação, tudo mudou. A médica que fazia o exame estava estranhamente quieta. Camilla e Rodrigo começaram a ficar inseguros, perguntando se tudo estava bem. Antes de responder, a médica pediu que a técnica de ultrassom chamasse uma colega, o que assustou ainda mais os pais de primeira viagem.

“Foi a mesma médica que nos atendeu na consulta anterior. Ela disse que tinha notado algo no exame anterior, mas não tinha certeza do que viu e quis ouvir outra especialista (sobre o diagnóstico). A gente escutando isso, sem saber do que elas estavam falando”, disse Camilla.

Em seguida, ela olhou para o casal e perguntou se eles sabiam o que eram siameses. Naquele momento, Camilla não conseguiu ouvir mais nada do que era dito, e Rodrigo ficou sem chão, enquanto as médicas explicavam que os bebês eram unidos pela cabeça.

Os dois foram orientados a procurar um atendimento especializado e saíram do hospital calados. “Não conseguíamos nem falar um com o outro, saímos da consulta em silêncio mortal, chegamos em casa no mesmo silêncio e ali eu chorei e liguei para minha mãe e minha tia”, lembrou Camilla.

A tia, enfermeira, logo conseguiu um encaminhamento para que Camilla fosse atendida pela equipe de medicina fetal do Hospital Materno Infantil de Brasília (Hmib). Nas primeiras consultas, Camilla e Rodrigo foram bombardeados com informações e inúmeras possibilidades. E uma resposta mais definitiva só seria possível após avaliação de um neurocirurgião, sobre a viabilidade de uma possível separação e daria ao casal uma noção da qualidade de vida que as duas crianças poderiam ter depois do nascimento.

Nesse momento de incerteza, Camilla foi informada que, a depender do diagnóstico, ela poderia fazer um aborto legal. Católica, começou a se questionar, mas tinha, como prioridade absoluta, o bem-estar das filhas e o desejo de não se ver sofrendo. “Elas eram frontais (unidas pela testa), então eu pensava muito em que vida elas teriam. Foi um processo doloroso e só encontrei minhas respostas depois da conversa com o padre que me viu crescer”, recordou.

Sem julgamentos e sem repetir para ela todo o aspecto dogmático da questão, o religioso a acolheu e questionou se ela daria conta do peso que seria encerrar a gestação e que, talvez, essa vivência fosse uma das formas de Deus permitir que ela sentisse o que era ser mãe. “A partir daí eu só chorava, mas depois desse encontro com Deus, eu senti uma paz que não sei explicar. E todo o processo ficou mais tranquilo, aconteceu o que acontecer”.

Em seguida, eles conheceram uma figura que se tornaria um anjo e um amigo para a vida toda: o neurocirurgião pediatria Benício Oton de Lima, referência na área e quem bancou a decisão de operar Lis e Mel. Na época, o médico participava de uma comissão que avaliava crianças que nasciam sem cérebro e foi chamado para analisar o caso das gêmeas craniópagas, ou seja, unidas pela cabeça, e indicar ou não um aborto terapêutico (em casos de estupro, morte iminente da mãe ou anencefalia). A resposta dada após consulta e exame mudou para sempre as vidas de Camilla, Rodrigo, Lis e Mel: “Tem cérebro, nasce e eu separo”, concluiu, Camilla estava na décima semana de gestação.



O caso das irmãs siamesas Lis e Mel teve grande cobertura do Correio, com repercussão internacional

sozinha na sala de exame, ela foi orientada pelo médico a ficar em repouso para manter a gravidez. Naquele momento descobriu que teria não apenas um, mas dois bebês.

“Saí de lá sem saber como contar para o Rodrigo, fomos andando para o

estacionamento e depois de explicar sobre o descolamento, o repouso e dizer que tudo ficaria bem, eu disse: ‘Mas tem mais uma coisa’. Ele parou, me olhou e eu o informei que eram gêmeos. Ficamos em outro “silêncio mortal” e fomos para casa desorientados”, lembrou.

Depois do choque inicial e de ficarem sem saber o que dizer para o outro, a empolgação começou a tomar conta da nova família e, assim que chegaram em casa, ligaram para as futuras vovós, que também não se contiveram de tanta empolgação.